

AMÉRICO DE CAMPOS (1875-1984)
FRANCISCO RÂMEL PESTANA (1875-1890)
JULIO MESQUITA (1895-1927)
JULIO DE MESQUITA FILHO (1915-1969)
FRANCISCO MESQUITA (1915-1999)

LUIZ CARLOS MESQUITA (1952-1970)
JOSÉ VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA (1947-1988)
JULIO DE MESQUITA NETO (1948-1998)
LUIZ VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA (1947-1997)
RUY MESQUITA (1947-2013)

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE
ROBERTO CRISSTUMA MESQUITA
MEMBROS
FRANCISCO MESQUITA NETO
JULIO CESAR MESQUITA
LUIZ CARLOS ALENCAR
RODRIGO LARA MESQUITA

DIRETOR PRESIDENTE
FRANCISCO MESQUITA NETO
DIRETOR DE JORNALISMO
EURÍPEDES ALCÂNTARA
DIRETOR DE OPINIÃO
MARCOS GUTERMAN

DIRETORA JURÍDICA
MARTANA UEMURA SAMPAIO
DIRETOR DE MERCADO ANUNCIANTE
PAULO BOTELHO PESSOA
DIRETOR FINANCEIRO
SERGIO MARGUEIRO MOREIRA

NOTAS E INFORMAÇÕES

Revisionismo sem vergonha



A volta de Lula deu ânimo adicional aos que pretendem reescrever a história da Lava Jato, como se a corrupção durante os governos do PT não tivesse existido. Mas os fatos se impõem

O programa *Especial 10 Anos da Lava Jato*, levado ao ar recentemente pela TV Brasil, é um documento histórico. Não por reconstituir com imparcialidade a maior ação de combate à corrupção da história do Brasil, porque isso seria impossível numa TV pública convertida em emissora oficial do PT, mas justamente porque retrata com fidelidade a desfaçatez e a mendacidade do partido de Lula da Silva, ansioso por reescrever a história do período em que as entranhas corruptas do lulopetismo ficaram expostas para

todo o País. E nesse revisionismo, diga-se a bem da verdade, o PT e Lula não estão sozinhos – têm a companhia de ministros do Supremo, de empresários corruptos ansiosos para limpar o nome e de políticos interessados em desmoralizar a luta contra a roubalheira.

A volta de Lula da Silva à Presidência certamente deu ânimo adicional aos petistas para distorcer os fatos. Afinal, o chefe petista – aquele que alhures disse que “o mensalão nunca existiu” – vive a alardear que a Lava Jato não passou de uma “conspiração” dos EUA para, por meio do então juiz federal Sér-

gio Moro, tido por Lula como “capanga” dos norte-americanos, “destruir a indústria de óleo e gás deste país”. Nada menos.

Com uma hora e meia de duração, o tal programa da TV Brasil dedicou somente 1 minuto e 53 segundos à corrupção na Petrobras – e apenas para tratá-la como “pontual”, segundo um sindicalista entrevistado. O resto do tempo foi usado para desancar a Lava Jato, com convidados escolhidos a dedo – todos críticos virulentos da operação.

Esse é o padrão do PT. Nem Lula nem os petistas jamais admitiram a corrupção desvendada pela Lava Jato, malgrado as provas irrefutáveis dos desvios de recursos públicos por meio de contratos fraudulentos entre as maiores empreiteiras do País e a Petrobras. Convenientemente, os erros e abusos cometidos pela força-tarefa da Lava Jato foram usados pelos detratores da operação para desqualificá-la como um todo, como se crimes confessos jamais tivessem sido praticados. Eis o grau da desfaçatez.

Esse discurso revisionista, mais orientado pela mudança dos ventos da política nacional do que pelo apego à verdade factual, contaminou até a atuação do Supremo – Corte que outrora chancelou não uma, mas quase todas as ações da Lava Jato que ora pretende desmoralizar, como se os erros cometidos por alguns membros da força-tarefa tivessem o condão de contaminar a operação em todas as suas dimensões, sobretudo sua dimensão fática.

Talvez se sentindo devedor de Lula, cuja prisão classificou como “um dos maiores erros judiciários da história”, o ministro Dias Toffoli também contri-

buiu para esse esforço revisionista. Com a volta do petista ao Palácio do Planalto, Toffoli decidiu anular as provas de corrupção e suspender o pagamento de multas impostas à Odebrecht e à J&F por considerar que essas empresas teriam sofrido, ora vejam, “coação institucional” para firmar acordos de colaboração premiada. Em audiência pública recente, no próprio Supremo, nem os prepostos dessas empresas admitiram ter sofrido tal violência estatal.

Mas os fatos insistem em se impor. Levantamento feito pelo *Estadão* com base em acordos firmados entre os investigados e o Ministério Público mostrou que cinco ex-funcionários de alto escalão da Petrobras aceitaram devolver nada menos que R\$ 279,8 milhões ao Tesouro e à empresa. Dessa dinheiro, quase 90% se referem a propinas recebidas por aqueles executivos, subornados por algumas das maiores empreiteiras do Brasil interessadas em obter contratos com a Petrobras. Ao que consta, nenhum desses ex-funcionários corruptos foi coagido pela Lava Jato a confessar que havia embolsado milhões em suborno – e igualmente não há notícia de que o dinheiro que devolveram fosse de mentirinha.

É preciso recolocar as coisas nos seus devidos lugares. Quem quiser acreditar na fábula lulopetista de que o PT e seu chefe foram perseguidos por um poderoso consórcio golpista que envolveu até o FBI, que acredite, pois questões de fé não se discutem. Já quem preza a verdade factual, sem a qual não há democracia, certamente espera que a Lava Jato encontre seu melhor lugar na história. ●

Há fome por trás do aquecimento global

Nações Unidas alertam para a tragédia humana causada pela temperatura recorde do planeta no ano passado: 333 milhões de pessoas em insegurança alimentar e 735 milhões de desnutridos

A escalada da temperatura global empurra para cima indicadores de insegurança alimentar, fome e desigualdade socioeconômica. Dados divulgados recentemente pela Organização Mundial de Meteorologia (OMM), uma agência especializada das Nações Unidas, confirmam essa premissa e expõem sua assustadora dimensão humana. Em 2023, quando a temperatura global cravou o recorde de 1,45°C acima da média registrada no período de 1850-1900, pelo menos 333 milhões de pessoas estavam vivendo em situação de insegurança alimentar mundo afora.

A mudança climática não é, obviamente, a causa primária dessa massa de desvalidos, como ressalta a OMM em seu recente relatório *Estado do Clima*

Global. Conflitos, violência, crises econômicas locais, preços de alimentos e quebras de safras agrícolas estão comumente no epicentro do problema. Porém, são agravados por secas, inundações e eventos climáticos cada vez mais acentuados e frequentes – os efeitos há muito reconhecidos do aquecimento global. Esse quadro explica o aumento da pobreza e da fome no planeta e a desesperada migração de contingentes humanos vulneráveis para locais onde esperam, no mínimo, sobreviver.

“A crise climática é o maior desafio da humanidade e está diretamente relacionada à desigualdade e ao aumento da pobreza e da instabilidade, com agravamento da insegurança alimentar, de deslocamento de populações e da perda de biodiversidade”, resumiu Celeste Saulo, secretária-geral da OMM.

Os detalhes do relatório trazem constatações mais dramáticas. Entre elas, o fato de ter triplicado o número de pessoas submetidas à situação de insegurança alimentar entre 2019, antes da pandemia de covid-19, e 2023. Esse total passou de 149 milhões para 333 milhões. No mesmo período, o contingente de desnutridos manteve-se em 735,1 milhões – o equivalente a 9,2% da população mundial no ano passado. Embora estarrecedores, esses números se referem ao monitoramento das Nações Unidas em apenas 78 países.

Embora subestimados, como assinala a própria OMM, tais dados servem como referência para a cooperação internacional no combate às causas climáticas da insegurança alimentar e da fome. Há urgência nessa comunhão de esforços de nações, organismos multilaterais e regionais e empresas, visto que são mínimas as chances de o cenário climático provar-se menos ruim em 2024 e nos próximos anos. O rastro de males e tragédias deixado em 2023, quando a concentração dos principais gases do efeito estufa foi 50% maior do que na era pré-industrial, é altamente preocupante.

Nada o ilustra melhor do que a evidência da OMM de que, na Antártida, uma área de gelo equivalente à soma dos territórios da França e da Alemanha desapareceu – literalmente, virou água. As consequências ambientais se

tal destruição são inimagináveis, mas é certo que a perda da cobertura gelada acelera ainda mais o aquecimento global. Os dados do relatório indicam que houve ondas de calor em um terço dos oceanos no ano passado, o que gerou prejuízos aos ecossistemas e ao sistema alimentar em todo o mundo. Assim como a Antártida, os glaciais remanescentes e a Groenlândia perderam camadas de gelo, antes consideradas eternas, em níveis recordes.

Diante de sucessivos alarmes disparados por entes científicos altamente respeitados, completados agora pelo relatório da OMM, surpreende o fato de a resposta internacional à crise climática continuar aquém da necessária. Sobretudo, quando se trata do financiamento de ações para conter o aquecimento global, mitigar seus efeitos e promover a transição energética em países mais pobres e em desenvolvimento.

No período 2021-2022, o total disponível para essas tarefas foi de US\$ 1,3 trilhão – cifra insuficiente, segundo a organização. Em seus cálculos, esses fundos terão de crescer a US\$ 9 trilhões ao ano em 2030 e, depois, saltar para US\$ 10 trilhões anuais até 2050 para contornar minimamente a crise. O resgate da dignidade de centenas de milhões de pessoas desprovidas de alimentos dependerá desses aportes e dos compromissos mais ambiciosos das nações para conter o aquecimento global. ●